

Confabulações Entre a Crônica-Reportagem e a Etnografia: Distintos Ofícios e Uma Só Natureza

Cláudia Maria Arantes de Assis Saar¹

Roberta Scheibe²

Este resumo expandido relata as aproximações de observações, descrições densas e intercâmbio de linguagens entre os ofícios crônica-reportagem jornalística e da etnografia e estimula um diálogo possível entre as áreas.

O termo “Crônica-reportagem” é amplamente utilizado no jornalismo atual como uma mescla de características informativas com o estilo do gênero opinativo Crônica. A primeira definição foi feita por Luís Martins (Scheibe, 2008). Há ainda, entre outras definições semelhantes, a de “Crônica Sociológica” de Dileta Martins (Scheibe, 2008, p.32) e a de “reportagem-crônica” de Sodré e Ferrari (1986, p.94).

Já a etnografia refere-se a estudos antropológicos que correspondem à fase de elaboração de dados obtidos em pesquisas de campo, e estudos descritivos sobre partes ou processos da vida social e cultural de um povo ou de um grupo. É, de acordo com Clifford Geertz (1978), um esforço intelectual para elaborar uma descrição densa da realidade. Isabel Travancas, em um importante texto acerca do fazer etnografia no mundo da comunicação, explica que a descrição densa está atrelada ao processo de interpretação da realidade, no sentido de dar conta de processos de significação que estão por trás dos comportamentos humanos, individuais ou em grupo; e que estas interpretações sociológicas podem acontecer de modo relacionado à área da Comunicação Social (Travancas, 2014).

Logo, para expor uma história real, tanto na crônica-reportagem quanto na etnografia é preciso evidenciar as portas da investigação, da apuração, da observação planejada, extrapolar os abordes dos eventos do cotidiano, por meio da contextualização e interpretação (Pena, 2006), através do emprego de entrevistas em profundidade e da composição do texto prevalecendo-se do uso dos três subsídios vindos da literatura e aplicados na linguagem jornalística: diálogos, narração e descrição (LIMA, 2003).

Para contar um episódio é necessário mostrar as ascendências, enfoques e implicações de um

¹ Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, docente no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá, líder do grupo de pesquisa COMERTEC – Comunicação, Mercado e Tecnologia. E-mail: claudiamaria@unifap.br.

² Jornalista, Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF) e Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). É professora da Universidade Federal do Amapá. Participa do grupo de pesquisa COMERTEC – Comunicação, Mercado e Tecnologia. E-mail: robertascheibe@gmail.com.

fato; além de esmiuçar a história de vida de seus personagens humanizando-os. Segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari (1986), estas ações são da natureza da reportagem. A técnica da narrativa, inclusive, é essencial no texto jornalístico – é/são discursos capazes de demonstrar um mundo muito variado, concebido como muitas realidades, materialidades, espiritualidades, centrado num determinado espaço com peculiaridades. Neste colóquio sobre o ato de observar e relatar situações da vida, Geertz afirma que o admirável é embrenhar-se na procura pelas particularidades, e as condições de entrosamento das culturas localizadas, e não mais das estruturas e processos de pensamento (Geertz, 1978).

Tanto a reportagem (Lima, 2003) quanto a etnografia (Geertz, 1997) interagem com fatores cujo artefato de estudo satisfaz ao real, aos fatos sociais, abastecidos de veracidade e possibilidade. Os dois gêneros esmiúçam os fatos para uma dimensão detalhada mergulhando de forma intensiva nos eventos sociais. Para a edificação de reportagens e etnografias, os dois campos podem empregar métodos em comum, como a memória, a história oral, a micro-história, a história de vida e a observação participante ou sistemática.

Mas o que mais atrai nesta fronteira híbrida são as percepções do olhar, ouvir, escrever (Oliveira, 2002), que são da mesma natureza tanto na crônica-reportagem quanto na etnografia. Precisamos perseguir a infinita riqueza da experiência social e vislumbrar as ausências, ou seja, aquilo que não é mostrado, e também as emergências (Santos, 2006). E isto pode se dar através da interdisciplinaridade de linguagens, articulada à imaginação e a sensibilidade, em resposta às interpelações da realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Literatura; Antropologia; gêneros híbridos; Comunicação.

REFERÊNCIAS

GEERTZ, C. (1989). A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC.

GEERTZ, C. (1989). O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes.

LIMA, E. P. (2003). Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Editora Manole.

OLIVEIRA, R. C.(2006). O trabalho do antropólogo. São Paulo: Editora Unesp.

PENA, F. (2006) O jornalismo literário como gênero e conceito. Disponível em: <http://www.felipepena.com/download/jorlit.pdf>. Acesso em: 05/07/2013.

SANTOS, B. S.(2006). A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez Editora, 4ª ed.

SODRÉ, M.; FERRARI, M. H.(1986). Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus.

SCHEIBE, R. (2008). A crônica e seus diferentes estilos na obra de Humberto De Campos. Imperatriz: Ética.